

Superávit comercial, dívida externa e a renovação tecnológica

José Matias Pereira

O comportamento da balança comercial brasileira demonstra que o saldo comercial do País em 1988 deverá ficar próximo de US\$ 18 bilhões, com um volume de exportações em torno de US\$ 34 bilhões e de importações próximo de US\$ 16 bilhões.



É oportuno destacar que o declínio do superávit mensal ocorrido em julho em relação a junho, provavelmente deverá voltar a acontecer no mês de outubro em diante, considerando que haverá um arrefecimento nos preços das "commodities" e o crescimento das despesas com importações. O desempenho das exportações em junho foi superior a US\$ 3,5 bilhões. Em julho foram exportados US\$ 3,22 bilhões e importados US\$ 1,78 bilhão, o que resultou num superávit de US\$ 1,43 bilhão. As importações no montante citado representaram um aumento de 20,2% a mais que no mês de junho.

O fechamento da balança comercial nos primeiros sete meses do ano, com um saldo comercial de US\$ 10,643 bilhões, é um forte sinalizador de que a demanda interna do País sofreu uma violenta retração aliada aos estímulos cambiais promovidos pelo governo. É importante frisar que o desempenho dos setores agrícola e exportador tem conseguido evitar uma recessão generalizada.

Vale ressaltar que as exportações dos produtos básicos registram um significativo crescimento sazonal no período de abril a julho. Em decorrência dessa tendência favorável, esse segmento deverá proporcionar uma receita no corrente ano acima de US\$ 11 bilhões.

No que se refere às importações, pode-se constatar que até julho a despesa mensal situou-se pouco acima de US\$ 1,3 bilhão. A

partir de setembro, provavelmente ficará um pouco acima de US\$ 1,6 bilhão por mês. Na verdade esse crescimento é decorrente de dois motivos facilmente explicáveis que são: a tendência histórica das importações, que são sempre maiores no segundo semestre, e pela liberação das importações aprovadas no corrente ano. Tudo indica, considerando o aquecimento desigual do nível de atividade da economia, que deverá ocorrer uma queda nos superávits mensais de forma levemente acentuada no último trimestre do ano, quando provavelmente ficará próxima de US\$ 1,2 bilhão mensais.

A explicação para essa tendência está localizada na necessidade do governo em criar as condições para diminuir as pressões violentas decorrentes da expansão sobre a base monetária, que realimentará a inflação. Por outro lado, essa fase de um ligeiro reaquecimento do produto nacional, decorrente do aumento das exportações (semelhante à recuperação econômica de 1984/85), leva-me a recomendar uma maior atenção com o desequilíbrio fiscal do governo e o endividamento externo e interno.

Por outro lado parece-me oportuno reexaminar a sistemática de promover pesadas transferências de recursos para honrar o pagamento dos juros da dívida externa. Pagamentos esses que vêm sendo feitos com os resultados dos enormes superávits comerciais, e que estão afetando o nível de investimento e renovação tecnológica do País, com riscos para as próprias empresas exportadoras, que necessitam buscar maior eficiência, visando o aumento da produtividade, para poderem competir nessa nova fase de economia mundial, que se está estruturando em poderosos blocos econômicos e comerciais na Europa, Ásia e América do Norte.

José Matias Pereira é economista do Instituto de Planejamento Econômico e Social — IPEA.